



A HISTÓRIA DE
TODAS AS PERSONAGENS
DA BÍBLIA

Quem é quem na Bíblia Sagrada



EDITADO POR PAUL GARDNER

O nascimento e a escravidão de José

O nascimento de José é narrado em Gênesis 30.22-24. Nasceu na época em que Jacó ainda trabalhava para Labão, seu sogro. Foi o primeiro filho de Raquel, como prova do fim da esterilidade dela. O nome que sua mãe lhe deu refere-se, no contexto imediato, ao desejo dela de ter outro filho, o que aconteceu no nascimento de Benjamim (Gn 35.17). O nome, entretanto, também prefigurava o amplo papel que o filho desempenharia no progresso da futura nação.

O texto que trata da vida de José é Gênesis 37 a 50, que abrange cerca de um terço do livro. A história começa com ele aos dezessete anos de idade, revelando atitudes que contribuía muito para uma amarga rivalidade entre ele e os dez irmãos mais velhos. Costumava contar para o pai as coisas erradas que eles faziam (Gn 37.2). Em uma ocasião, contou aos familiares dois sonhos que tivera, os quais prediziam que um dia seu pai e seus irmãos se inclinariam diante dele (vv. 5-10). Todos ficaram ressentidos com a atitude de José e profundamente enciumados pelo tratamento preferencial que recebia do pai (v. 4). Quando Jacó enviou-o para supervisionar o trabalho dos irmãos, sem dúvida eles se lembraram dos incidentes anteriores e conspiraram contra ele (vv. 18ss). Determinaram matá-lo, mas foram dissuadidos por Rúben, o mais velho, que chegara após a decisão tomada (vv.21,22). Ele convenceu os irmãos a jogar José numa cisterna vazia, pois tencionava resgatá-lo mais tarde.

Os irmãos arrancaram de José o símbolo do favoritismo do pai, uma túnica multicolorida (Gn 37.23) e, sem o conhecimento de Rúben, venderam o rapaz para uma caravana de comerciantes de escravos (vv. 25-28). Numa mudança irônica, a vestimenta que representava o favoritismo de Jacó por José foi embebida com o sangue de um cabrito e apresentada ao patriarca como sinal de que seu filho amado fora morto por animais selvagens. A ironia maior é que os próprios irmãos agiram como animais ferozes, ao conspirar para assassinar José e sentando-se para satisfazer seus apetites, enquanto o garoto permanecia prostrado, despido e sedento na cisterna (vv. 24,25).

A narrativa continua em Gênesis 39, depois da injustiça de Judá para com Tamar, sua nora. Neste episódio, as palavras hebraicas para “mão” (*yod*) e “prosperar” (*tsalach*) são utilizadas numa relação sutil para projetar o tema mais amplo da história de José. Potifar comprou-o das “mãos” dos comerciantes de escravos (Gn 39.1). O Senhor “estava” com José (v. 2), de maneira que aquele egípcio percebeu a prosperidade alcançada por meio dele (v. 3). Como resultado, Potifar colocou tudo o que possuía sob o controle de José (literalmente, “nas mãos dele”, v. 4). Sob esse arranjo, seu senhor prosperou dramaticamente.

Depois de reiterar o fato de que todas as coisas estavam nas “mãos” de José (Gn 39.6), a narrativa descreve a tentativa feita pela esposa de Potifar para seduzi-lo. O jovem recusou suas insinuações, na base da confiança que seu senhor depositara nele (literalmente, “nas minhas mãos”, v. 8). José via a concretização de tal ato como uma quebra de confiança e um pecado contra Deus (v. 9). Esta atitude indica que considerava sua mordomia sobre as responsabilidades terrenas como uma função religiosa. As tentativas de sedução continuaram e chegaram ao clímax num dia em que não havia ninguém na casa além de José e a esposa de Potifar, o que provavelmente significa que ela própria providenciou para que todos os demais empregados saíssem, a fim de conseguir seus propósitos. José resistiu e fugiu; ao fazê-lo, ela o agarrou pelas roupas; depois, chamou testemunhas e mostrou a vestimenta do rapaz, primeiro para os empregados e depois para o próprio Potifar, quando este voltou para casa.

como uma evidência de que José tentara seduzi-la. Novamente uma peça de roupa daquele jovem foi utilizada como testemunho contra ele — na primeira, testemunhou que estava morto e na segunda, testemunhou que “estaria melhor morto” (Veja *Potifar e Esposa de Potifar*).

José então encontrou-se numa circunstância similar, ou até pior, à que se encontrava no início do episódio. Novamente era prisioneiro, quando Potifar ordenou que fosse lançado no cárcere (Gn 39.20). O uso da frase “o Senhor era com ele” (v. 21), repetição de “O Senhor estava com José” (v. 2), indica a bênção de Deus sobre o jovem, de maneira que encontrou favor com o novo senhor (v. 21; cf. v. 4). José conquistou a confiança do carcereiro de tal maneira que todas as tarefas da prisão ficaram em “nas mãos” dele (v. 22). O texto novamente nos diz que o Senhor fez com que ele prosperasse (v. 23; cf. vv. 2,3).

Neste único episódio, vemos o tema dominante da vida de José demonstrado de forma vívida — Deus providencialmente preservava sua vida, a despeito das tribulações e injustiças que enfrentava e por meio delas. Não importava em que “mãos” sua vida estava colocada; no final era a mão de Deus que o livrava e o fazia prosperar. Portanto, a providência divina estava por trás de todos os eventos que levaram à elevação de José para a posição de autoridade e influência como conselheiro de confiança do Faraó.

Neste ponto, notemos que muitos comentaristas crêem que o conteúdo de Gênesis 38 está fora de lugar, bem no meio da história de José. Depois de uma leitura superficial, esse relato do tratamento injusto que Judá dispensou à sua nora Tamar parece fora de posição. Este episódio, entretanto, serve a duas funções importantes. Primeiro, relata a origem da história da tribo de Judá. Segundo e mais relevante para o estudo de José, proporciona um agudo contraste entre os dois irmãos. Enquanto Judá abandonou a família e a terra natal por escolha (Gn 38.1), José foi deportado contra sua vontade. Enquanto Judá voluntariamente se associou a uma mulher não israelita, José resistiu a tal tentação. Judá envolveu-se em imoralidade sexual, vitimou uma mulher indefesa e, por isso, incorreu no juízo de Deus. José resistiu à tentação e foi vítima de uma mulher influente; como resultado, no final o Senhor preservou seus interesses. Judá foi acusado com justiça por uma mulher, enquanto José foi acusado falsamente. Em ambos os casos, um artigo pessoal — um cajado e uma peça de roupa, respectivamente — foi apresentado como testemunho contra eles. Esses extensos contrastes/paralelos servem para estabelecer a diferença entre o caráter de Judá e o de José. Desta maneira, o mais novo dos dois é apresentado dramaticamente como um homem de virtude, o qual olhava para Deus que governava soberanamente seu destino. O relato de Gênesis 38 é essencial para estabelecer todos esses contrastes.

A elevação de José ao poder

A elevação de José ao poder foi o resultado de sua habilidade especial que o levou tanto a ter benefícios como a enfrentar diversos problemas — a capacidade concedida por Deus de interpretar sonhos. A manifestação inicial desta habilidade gerou ciúmes por parte de seus irmãos (Gn 37.5ss). Quando se encontrou numa prisão egípcia, a habilidade tornou-se sua importante aliada, que facilitaria a sua libertação do cárcere. Dois funcionários do Faraó, o copeiro-chefe e o padeiro-chefe, estavam na mesma prisão (Gn 40.3). Não eram apenas empregados da cozinha do Faraó, mas conselheiros do rei que, por algum motivo, caíram em desgraça. As interpretações dos sonhos do padeiro e do copeiro cumpriram-se dentro do prazo determinado por José (Gn 40.21,22).

JOSÉ, O FILHO DE JACÓ

Dois anos mais tarde, Faraó teve dois sonhos que o angustiaram muito. O copeiro-chefe, então, lembrou-se de José, o qual foi convocado para interpretá-los (Gn 40.14,23). Exatamente como falara aos homens na prisão, José disse ao Faraó que a habilidade de interpretação vinha de Deus (Gn 40.8; 41.16). O jovem hebreu interpretou corretamente os sonhos, ao falar ao rei que viriam sete anos de abundância, seguidos por mais sete de fome (Gn 41.29ss). Acrescentou à interpretação um sábio conselho (v. 33): Faraó deveria preparar-se para os anos de fome, mediante a nomeação de superintendentes que armazenassem alimentos durante os anos de abundância, para que o Egito pudesse suportar os anos de escassez de alimentos. O rei, impressionado com a sabedoria com a qual Deus investira José, o nomeou como superintendente sobre todo o reino (v. 39ss). Numa reviravolta completa de sua sorte, o jovem hebreu descobriu que todo o reino do Egito estava em suas mãos, o que era evidenciado pelo anel que passou a usar, dado pelo próprio Faraó (v. 42). No espaço de 13 anos (cf. Gn 41.46; 37.2), José passou da posição de prisioneiro para a de primeiro-ministro e teve um sucesso espetacular na administração dos negócios egípcios (Gn 41.47-57).

A partir deste ponto, o que resta da história de José é o encontro com seus irmãos (Gn 42 a 47) e as bênçãos variadas que Jacó proferiu sobre seus doze filhos (Gn 48 a 50). Em busca de alívio para a fome que assolava também a região de Canaã, Jacó enviou dez dos seus filhos ao Egito para comprar grãos (Gn 42.1,2). Somente Benjamim, o mais novo e agora o mais querido (pois o patriarca pensava que José estivesse morto), ficou em casa com o pai (v. 4). Eles, naturalmente, negociaram com o novo governante do Egito, o qual não reconheceram, pois não esperavam encontrá-lo novamente após tantos anos (v. 8). A partir daí, José dedicou-se a usar uma série de subterfúgios, com os quais não tencionava enganar seus irmãos, mas sim testar o caráter deles (vv. 15,19), fazer com que sentissem convicção pela violência que cometeram contra ele (v. 21) e iniciar o processo para a migração deles para o Egito (quando pediu que Benjamim fosse levado a ele, v. 20). Esta louvável intenção é revelada na reação que teve em particular devido ao dilema deles (v. 24). Quando regressaram para Canaã, Simeão foi mantido como prisioneiro, para garantir que os outros nove cumpriram as determinações do governador egípcio.

Jacó não permitiu que levassem Benjamim (Gn 42.38), mas, quando terminou o estoque de alimentos, cedeu (Gn 43.13). Ironicamente, os presentes que instruiu os filhos a levar incluíam itens que provavelmente foram usados como pagamento na venda de José aos ismaelitas (cf. Gn 37.25; 43.11). O profundo amor que o governador tinha pelo seu único irmão por parte de mãe foi revelado tanto na exigência que fez aos dez de que no retorno ao Egito o trouxessem junto, como por sua reação quando o viu (Gn 43.30). Ele demonstrou bondade e hospitalidade durante o banquete que ofereceu, não somente para com Benjamim, mas para com todos os irmãos. Percebeu em cada atitude deles o temor de Deus e o desejo de agir com honestidade para com ele, o que preparou o cenário para a revelação de sua identidade.

José, por meio de angústias pelas quais fez com que passassem, elevou o drama do reencontro e o tornou um momento alegre, de alívio, depois da profunda tristeza que sentiram pelo que fizeram com ele anos antes. Quando o governador revelou sua identidade, mostrou também seu caráter, pois confortou os irmãos, ao explicar-lhes os propósitos soberanos de Deus, que estavam acima das atitudes erradas deles — fora levado ao Egito para salvar a vida de toda a família (Gn 45.5-8). Obedientemente, os irmãos foram buscar Jacó e toda sua casa e os levaram para o Egito, onde foram preservados da fome. Os irmãos não estavam totalmente convencidos das intenções de José, pois, quando Jacó morreu, tinham certeza de que ele então se vingaria deles (Gn 50.15). Mas o

caráter forjado na prisão do Egito era da melhor qualidade e José repetiu a certeza que o sustentou durante os anos mais tenebrosos: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim, porém Deus o tornou em bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar muita gente com vida” (Gn 50.20).

O efeito desta migração da família de Jacó ao Egito não seria simplesmente para que suas vidas fossem poupadas da fome. O patriarca, em Gênesis 46.3, reconheceu que se tratava de uma jornada divinamente ordenada e que, no final, Israel tornar-se-ia uma grande nação em terra egípcia. Além disso, teriam a presença divina no meio deles, a qual constituía a essência da aliança abraâmica (Gn 15.1; 28.15). Deus usou José como o agente primário no cumprimento desta promessa.

A tribo de José

Enquanto os filhos de Jacó proporcionaram o patronímico para dez das doze tribos que herdaram Canaã (a de Levi é contada separadamente, pois é a tribo sacerdotal), dois filhos de José tornaram-se os progenitores das duas restantes — Efraim e Manassés. Jacó fez uma reivindicação especial, pois eles nasceram no Egito antes de ele próprio mudar para lá (Gn 48.5). A herança desses dois foi concedida diretamente pelo avô (Gn 48.9ss). De fato, o patriarca deu a José uma porção dobrada da herança, que era reservada apenas ao filho primogênito (v. 22). O significado desta atitude é ainda mais profundo quando o cronista, de sua perspectiva do período pós-exílico, levou este fato em conta, ao relatar a constituição da nação de Israel (1 Cr 5.1,2).

Os eventos na vida de José mostraram sua força de maneira vívida. Tal capacidade, entretanto, derivava da confiança na providência divina; fosse ela agradável ou não, estava na raiz de todas as ações dos homens e tinha como propósito final o bem dos filhos de Deus. Em nenhum outro lugar isto é descrito de maneira tão bela quanto nas palavras proferidas por Jacó em seu leito de morte: “José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte, cujos galhos se estendem sobre o muro. Os flecheiros lhe deram amargura, e o flecharam e perseguiram. O seu arco, porém, permanece firme e os seus braços foram fortalecidos pelas mãos do Poderoso de Jacó, o Pastor, o Rochedo de Israel” (Gn 49.22-24). José constitui uma das figuras principais da história da redenção identificadas por Estêvão em Atos 7. Na visão do primeiro mártir do cristianismo, este filho de Jacó foi uma das primeiras ilustrações da sua mensagem de oposição aos fariseus. Ao argumentar contra a falsa noção de que a bênção e a presença de Deus estavam relacionadas com o Templo, de maneira irrevogável, Estêvão estabeleceu o princípio do “Emanuel”, quando falou que Deus estava presente com seu povo muito tempo antes da construção do Santuário. Neste contexto, simplesmente disse sobre José: “Mas Deus era com ele” (At 7.9). Veja *Emanuel*, *Jacó* etc.

M.G.

JOSÉ DE NAZARÉ

Esposo de Maria, mãe de Jesus; portanto, o pai adotivo de Cristo. Seu nome só é mencionado nas narrativas sobre o nascimento de Jesus, em Mateus 1 e 2 e Lucas 1 e 2, bem como na árvore genealógica, em Lucas 3.23.

Muito pouco se sabe sobre a vida de José, esposo de Maria. Inquestionavelmente, pertencia à “casa e família de Davi” (Lc 2.4), a linhagem do Messias (2 Sm 7.12,16). Não está totalmente claro, entretanto, qual das duas genealogias de Cristo apresentadas nos evangelhos (Mt 1.1-16; Lc 3.23-38) traça sua família. A possibilidade mais